

home english



foto: German Lorca

É Tudo Verdade It's All True

FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS
INTERNATIONAL DOCUMENTARY FILM FESTIVAL
BRASIL / BRAZIL

EQUIPE

APOIO

CONTATO

BUSCA FILMES

HISTÓRICO

CALENDÁRIO DE FESTIVAIS

COLUNA SEMANAL NO
VALOR ECONÔMICOÉ TUDO VERDADE NO
CANAL BRASIL

AGÊNCIA DOC

NEWSLETTER -
É TUDO VERDADE
Cadastre-se aqui para receber
informações sobre o festival

É TUDO VERDADE 2009

REGULAMENTO

INSCRIÇÃO

É TUDO VERDADE

AMIR LABAKI



Uma câmera contra o peleguismo

Amir Labaki

Um dos clássicos do documentário sobre o movimento sindical brasileiro, "Braços Cruzados, Máquinas Paradas" (1979) de Roberto Gervitz e Sérgio Toledo, finalmente chega ao DVD (Videofilmes).

Lembro tê-lo visto pela primeira vez, no começo dos anos 1980, numa de suas milhares de projeções em sindicatos. É um filme pioneiro em várias frentes. Vivia-se ainda o capítulo final da ditadura militar instalada em 1964. O garrote sobre o sindicalismo começava a ser desafiado. Gervitz e Toledo acompanham a luta pela renovação na liderança do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, controlado desde 1965 pelo pelego Joaquim dos Santos Andrade, o "Joaquinzão".

As irregularidades durante o pleito no sindicato e o início de uma greve combatida pelo próprio "Joaquinzão" mantêm elevada a temperatura por todo o filme. É inequívoca a simpatia do filme pela opositorista Chapa 3, que simboliza o clamor democrático que catalisou o projeto.

"Braços Cruzados" é um marco na revitalização contemporânea da idéia do cinema-punho, do filme abertamente em favor de uma causa. Na época, as modestas condições de produção permitiam apenas a filmagem em preto e branco e 16 mm, sob a batuta do grande Aloysio Raulino. Hoje, um projeto semelhante será rodado em digital.

Buscava-se um cinema militante possível, difundido por um circuito alternativo ao do cinema de entretenimento, por um lado, e à grande mídia, por outro, com o bafo da censura ainda desafiando a imprensa e as artes. Mas não se imagine, com isso, que Gervitz e Toledo realizaram um filme didático e monótono voltado a "conscientizar as massas".

"Braços Cruzados Máquinas Paradas" conta uma história. Abraça uma narrativa. Não hesita em lançar mão de elementos ficcionais, não apenas pelo recurso explícito à reencenação do momento da greve. É irônico e simbólico, aliás, o fato de o título concretizar-se cinematograficamente exatamente naquele único momento não-documental.

Há um vilão muito claro, e mocinhos idem, ainda que anônimos e numerosos. Mesmo com a derrota circunstancial na eleição sindical, há um final feliz, dentro de uma estrutura dramática circular dilatada.

O filme começa com a origem do sindicalismo rigidamente controlado na era Vargas e termina com Othon Bastos saudando: "1978 - A estrutura sindical começa a ruir".

Nada há de surpreendente, portanto, no fato de que Roberto Gervitz e Sérgio Toledo deram seqüência às suas carreiras privilegiando o cinema de ficção. Gervitz rodou, entre outros, "Feliz Ano Velho" (1996) e "Jogo Subterrâneo" (2005). Toledo dirigiu "Vera" (1987) e "A Guerra de um Homem" (1991) até infelizmente afastar-se da atividade.

Em "Braços Cruzados", filma-se a urna com o lacre rompido e um carro oficial do sindicato com panfletos da chapa da situação. A gravação sonora de depoimento de Joaquinzão é tocada para o comentário crítico de um sindicalista opositor. Gervitz e Toledo afirmam, assim, uma das vertentes mais fortes em defesa da especificidade do documentário. O documentário registra e carrega em si inegáveis vestígios do real. O cinema como prova concreta, como evidência (sonora e) visível.

Mas a grande inovação, como apontou na época Jean-Claude Bernardet, se dá na construção do discurso fílmico. A luta pela democracia política e sindical é simbolizada aqui pela concessão democrática da voz aos operários. Quase não há narração em off, aquela tradicional "voz de Deus" do documentário tradicional.

O cineasta-intelectual retira-se do quadro. Este pertence a seus personagens. Note-se como isso se dá não apenas oralmente mas também imagetamente. Aloysio Raulino capta um mar de rostos, de individualidades anônimas. O filme se escreve sobretudo por vozes, faces e corpos.

É curioso que, nisso, "Braços Cruzados" nos remeta a Friedrich Engels, mais especificamente em "A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra", seu estudo clássico sobre o operariado inglês em meados do século 19. No capítulo "Os movimentos operários", Engels escreve: "Se o operário já não pode valorizar as suas qualidades humanas senão opondo-se ao conjunto de suas condições de vida, é natural que seja precisamente nesta oposição que os operários se mostrem mais simpáticos, mais nobres e mais humanos".

APRESENTAÇÃO



PETROBRAS

REALIZAÇÃO/ CO-ORDINATION



SESCSP



Ministério da Cultura



É exatamente isto que o filme registra. Em 1978, o relógio histórico brasileiro estava mesmo atrasado em mais de um século. Nada mais natural que coubesse ao cinema, a arte do século 20, tocar por aqui o alarme. Desde então, muita coisa mudou, mas seu som parece mais belo - e ainda oportuno.

19/12/2008

>> [Colunas anteriores](#)



Contato: labaki@etudoverdade.com.br

Rua Mourato Coelho, 325 - Cj.06
CEP: 05417-010 - São Paulo - SP - Brasil
Tel / Fax: 11 3064-7617 | 11 3064-7485